

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Violência sem trégua contra a mulher

A violência contra as mulheres deverá permanecer entre os principais temas do Congresso Nacional no segundo semestre. A deputada federal gaúcha Maria do Rosário (PT, foto) alerta que os números continuam alarmantes e exigem ações mais efetivas do poder público. Relatora da Lei do Femicídio, a deputada afirma que a realidade revelada pelas estatísticas é mais grave do que se imaginava quando a legislação foi aprovada. No Rio Grande do Sul, por exemplo, já foram registrados 42 feminicídios neste ano.



THIAGO CRISTINO/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC

Faltam delegacias especializadas

Para a parlamentar, “embora o governo federal tenha ampliado políticas públicas para as mulheres, a estrutura de proteção ainda é insuficiente. O principal gargalo está nos estados, especialmente na falta de delegacias especializadas”. Segundo a deputada, “o Rio Grande do Sul possui apenas 25 Delegacias da Mulher para 497 municípios. Mais preocupante ainda: apenas uma unidade mantém atendimento durante os finais de semana”.

Misoginia na pauta

Uma das prioridades da bancada feminina será a votação do projeto que transforma a misoginia em crime. A proposta prevê punição para a propaganda de ódio, discriminação e desprezo contra mulheres. Maria do Rosário afirma que recebeu do presidente da Câmara o compromisso de incluir o tema em esforço concentrado nas próximas semanas. A medida é vista como uma resposta ao aumento de manifestações de violência e intolerância dirigidas às mulheres, especialmente nas redes sociais.

Alerta para o tráfico

Outro tema que preocupa a parlamentar é o tráfico internacional de mulheres. Segundo ela, “muitos jovens ainda são atraídos por falsas promessas de emprego e melhores condições de vida no exterior, acabando vítimas de exploração sexual e outras formas de violência”. A deputada defende campanhas permanentes de conscientização em escolas, bairros e comunidades para alertar adolescentes sobre os riscos dessas abordagens.

Direito que precisa sair do papel

Maria do Rosário também destaca a luta pela efetiva aplicação da lei da igualdade salarial entre homens e mulheres. A legislação já está em vigor, mas ainda enfrenta questionamentos judiciais. A expectativa da parlamentar é que o Supremo Tribunal Federal consolide entendimentos que garantam a execução plena da norma.

Mais mulheres na política

Apesar do cenário preocupante, a deputada vê possibilidade de avanços nas eleições deste ano. Sua expectativa é que o próximo Congresso tenha uma representação feminina maior, fortalecendo a defesa de políticas públicas voltadas à proteção, autonomia e igualdade das mulheres.

Transformar uma cultura de preconceito

Para a bancada feminina, o desafio permanece o mesmo: combater a violência, ampliar a rede de atendimento e transformar uma cultura que ainda convive com a discriminação e o preconceito contra as mulheres.

BRDE poderá aumentar

Entrevista Especial

Bolívar Cavalari
bolivarc@jcrs.com.br

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) completou neste mês de junho 65 anos de atuação, e agora planeja aumentar o volume de operações para o próximo período. O diretor de Planejamento do BRDE, Leonardo Busatto, afirma que a meta é avançar em 50% os financiamentos da instituição financeira até 2030, mesmo que este objetivo seja, em sua avaliação, “ousado”. O recorde de operações de crédito do banco ocorreu em 2024, quando elas chegaram a R\$ 6 bilhões e, caso se confirme a intenção de crescimento, elas poderiam chegar aos R\$ 9 bilhões.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Busatto aborda o passado, presente e futuro do BRDE. O diretor trata das tendências para o banco a partir da reforma tributária - atualmente em fase de implementação -, que pode impulsionar as operações de crédito subsidiado, bem como dos desafios para a instituição financeira frente à elevada taxa de juros brasileira - atualmente em 14,25% - e ao endividamento do agronegócio gaúcho, que é um parceiro histórico do BRDE.

Ao falar do legado do banco, Busatto destaca o fato de o BRDE ser uma instituição subnacional, e que, por isso, consegue entender as especificidades dos três estados que atende - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Jornal do Comércio - Quais os números das operações financeiras do BRDE nos últimos anos?

Leonardo Busatto - Nos últimos três anos, em especial, a gente tem batido vários recordes em termos de várias variáveis, mas o que mais interessa para o público em geral é o volume de operações, é quanto a gente tem emprestado, porque no fim do dia é o quanto a gente tem financiado vários projetos na Região Sul. Então, a gente teve um ano de 2024 com R\$ 6 bilhões e em 2025 foram R\$ 5,6 bilhões de operações de crédito na Região Sul como um todo. Em 2024 a gente fez mais de R\$ 2 bi no Rio Grande do Sul e, em 2025, um pouquinho menos, tendo um pouco dessas operações de reconstrução de pós-enchente, e a gente chegou próximo de R\$ 2 bi, então foi R\$ 1,8 bi

mais ou menos.

JC - O volume de operações foi superior em 2024 em razão da reconstrução após as cheias?

Busatto - É, porque em 2024 a gente teve um caso específico, que tiveram muitos recursos subsidiados do governo federal e repassados pelo BRDE, e também programas de apoio nossos. A gente teve nosso no chamado Em Frente RS, por exemplo, que foi um programa com recursos subsidiados do governo do Estado para apoiar as pequenas empresas que sofreram com a enchente, então teve um pouquinho de aumento nisso. Tem um fator também que é uma questão que foi um desafio, que em 2024 nós tivemos muitos recursos para a área de inovação através do Fundo Nacional para a Inovação, que é a Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), e que tivemos muitos recursos em 2024. Foram mais de R\$ 700 milhões para os três estados, e em 2025 tivemos menos, cerca de metade disso, R\$ 370 milhões. Isso impactou um pouquinho os nossos números. Mas a gente tem que considerar o contexto da economia - taxa de juros elevada, alto endividamento, questões macroeconômicas externas -, e nós tivemos ano passado a questão das tarifas dos Estados Unidos, que impactaram as empresas, e inclusive fizemos um programa de apoio a essas empresas. Foram R\$ 100 milhões de apoio a essas empresas, e obviamente muitas delas acabam muitas vezes não deixando de fazer os investimentos, mas elas represam para fazer num momento de menos turbulência.

JC - E neste ano de 2026 até agora, quais os resultados?

Busatto - Já temos números fechados de maio, em que a gente tem uma situação ainda positiva. Nós estamos próximos do ano passado,

mas a gente sabe que o segundo semestre é desafiador, porque grande parte das empresas acaba esperando o resultado das eleições, a questão externa, e a falta de combustível, por exemplo, na discussão da guerra com o Irã, também impacta algumas operações, algumas indústrias, e até a questão tarifária dos Estados Unidos, que tinha resfriado, e agora parece que tem uma outra discussão também. Ou seja, a economia pode estar boa ou estar ruim, mas o maior problema em relação aos indicadores econômicos é a incerteza. Se você tem certeza que o juros vai estar alto, que o câmbio vai estar alto, você se organiza para isso. Mas como tu não sabes como vai estar, a gente tem visto um movimento muito cauteloso, digamos assim, nas empresas, em que pese algumas delas não terem como parar.

JC - A expectativa neste ano é superar o recorde de 2024?

Busatto - A gente tem uma projeção de superar os R\$ 6 bilhões de crédito (registrados em 2024) no banco como um todo em 2026. É a nossa meta interna. E superar os R\$ 2 bilhões no Rio Grande do Sul, mesmo com toda essa dificuldade. Mas por quê? Porque a gente sabe que tem muito projeto acontecendo de longo prazo e que a gente vai ter que operar, captar.

JC - O patamar da taxa de juros, hoje a 14,25%, impacta de que forma as operações do banco?

Busatto - Isso é bem importante. O BRDE tem várias formas de financiamento. Financia recursos, mas de uma maneira geral, a gente tem recursos subsidiados, que são aqueles recursos que têm uma taxa de juros fixa ou abaixo do valor de mercado, porque alguém paga a conta - eu sempre digo: não existe almoço grátis. Obviamente, o BRDE opera recursos do Plano Safra, que é



“Com a reforma, a guerra fiscal não vai mais poder se dar através de isenção de impostos ou redução de carga tributária”